

transmutação de um signo verbal em um signo não-verbal, ou vice-versa, é uma operação que ocorre no âmbito da comunicação. O humor não pode ser entendido sem a presença de um contexto (situação) que permita a interpretação dos signos híbridos. Assim, a análise da transmutação intersemiótica requer a consideração de um contexto que permita a interpretação dos signos híbridos.

TRANSMUTAÇÕES INTERSEMIÓTICAS: UM GÊNERO DE ANEDOTAS HÍBRIDAS¹

THOMAS A. SEBEOK

A transmutação intersemiótica é um processo de comunicação que ocorre no âmbito da comunicação. O humor não pode ser entendido sem a presença de um contexto (situação) que permita a interpretação dos signos híbridos. Assim, a análise da transmutação intersemiótica requer a consideração de um contexto que permita a interpretação dos signos híbridos.



O termo *transmutação*, usado nesse artigo, refere-se à tradução intersemiótica, definida como “uma interpretação de signos verbais por meio de signos de sistemas de signos não-verbais” (Jakobson 1971: 261). Anedotas, em geral, são consideradas “uma forma de narração” (Miller 1955: 66), portanto, um tipo de arte verbal, embora (ao contá-las para pessoas com visão e audição perfeitas na presença de uma fonte de luz) elas estejam normalmente acompanhadas por vários elementos gestuais como acessórios, incluindo expressões manuais e faciais acopladas, posturas, etc., que tendem a complementar-se em uníssono, muitas vezes para reforçar, a irreverência transmitida pelo fio verbal temático primário. Apesar do fato de todas as anedotas serem configurações intrinsecamente pansemióticas, a alternância verbal é tipicamente primária. A anedota pode ser fecunda, mas talvez menos ampla, contada no escuro, mas não, ao contrário, transmitida unicamente por meio de adjuntos não-verbais, os quais, por exemplo, em um contexto italiano, exercem “uma função adverbial essencial com relação ao significado manifestado pela expressão mímica” (Ricci Bitti 1992: 195).

Existe, no entanto, outra categoria de anedotas, das quais este artigo relata cinco exemplos. Anedotas que pertencem à este subgênero são narradas como todas as outras, mas apenas até certo ponto: o clímax – ou, em exemplos como “O gato morto” (anedota 4 abaixo) em que temos vários remates

aumentando de um clímax a outro – pode ser alcançado através de gestos simples, como nas anedotas 1 e 2 abaixo, ou através de um conjunto de gestos, como na anedota 3. O humor não pode ser satisfatoriamente percebido no escuro ou pelo telefone, nem facilmente transmitido de forma escrita (incluindo email). Tais anedotas híbridas, se contadas cara-a-cara, devem ser acompanhadas por gestos apropriados; se narradas em forma de roteiro, devem ser ilustradas por figuras de vários tipos, às vezes representando movimento, como em “Jesus Cristo na cruz” (anedota 3). A graça da porção verbal de uma anedota híbrida diminui rapidamente em relação à quantidade de elaboração visual que seu desdobramento inscrito exige. Isto fica evidente para os leitores que pretendem ler as anedotas 3 e 4.

As transmutações semióticas interligadas das anedotas pertencentes a este gênero dependem de uma performance tangível quanto ao princípio de sucessividade (ou indexicalidade) sobreimpostas sobre o princípio da simultaneidade (ou iconicidade). São, portanto, formações semioticamente mais complexas do que observações ortodoxas e espirituosas, que iluminam nossa vida diária.

1. O FOTÓGRAFO DINAMARQUÊS²

Ost, a palavra dinamarquesa para “queijo”, é pronunciada “oost”, com um específico arredondamento da vogal. A anedota é a seguinte:

Um jovem dinamarquês quer se tornar um fotógrafo profissional, mas os retratos que ele tira são inadequados (figura 1.1). Ele é aconselhado a estudar a arte da fotografia com um célebre mestre em Nova Iorque (figura 1.2). Atravessa o Atlântico para aprender com este mestre (figura 1.3), que lhe ensina uma regra simples: instruir seus modelos a dizerem “queijo” antes que ele tire a fotografia (figura 1.4). O dinamarquês retorna a Copenhague (figura 1.5). Diz a seus modelos: “Diga OST” (figura 1.6). [Aqui quem conta a piada exagera o arredondamento dos lábios indiscutivelmente sério de “oost”. As figuras 1.7 e 1.8 mostram o que os espectadores imaginam que possa acontecer a seguir].

2. AS BAGUETES³

Um turista americano em Paris sai para dar uma caminhada, e, querendo retornar ao seu hotel, perde-se no caminho. Ele aborda um francês que está carregando uma baguete debaixo de cada braço e lhe pergunta onde



Figura 1.1



Figura 1.2



Figura 1.3



Figura 1.4

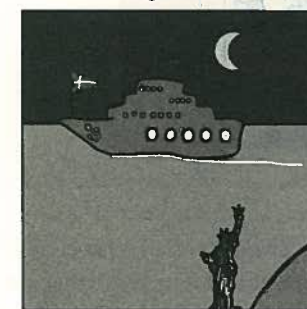


Figura 1.5



Figura 1.6



Figura 1.7



Figura 1.8

ele pode encontrar o Hotel d'Iéna (figura 2.1). O francês pede ao turista para segurar as duas baguetes (figura 2.2). Para consternação do americano, o francês gesticula [aqui o contador da anedota encolhe seus ombros de uma maneira tipicamente francesa, abrindo seus braços, indicando que ele não tem a menor idéia de onde fica o hotel (figura 2.3)].



Figura 2.1



Figura 2.2



Figura 2.3

3. JESUS CRISTO NA CRUZ

Jesus Cristo é condenado à morte por Pilatos. Pilatos diz a ele: "Veja, eu sou um homem misericordioso. Você deve morrer, mas eu te darei uma chance de escolher a maneira de ser executado. Suas duas opções são: a) nós podemos enterrá-lo na areia até a altura das suas axilas, então espalharemos mel na sua cabeça e braços, deixando que os insetos lhe piquem até a morte; ou b) podemos pregá-lo na cruz" (figura 3.1). Como é sabido, Cristo escolheu a segunda opção, razão pela qual todos os católicos lembram dele fazendo o sinal da cruz (figura 3.2) ao invés de [aqui o contador da anedota balança seus braços freneticamente na altura da cabeça, como que se defendendo da picada de insetos (figura 3.3)].



Figura 3.1



Figura 3.2



Figura 3.3

4. O GATO MORTO

Um homem está dirigindo seu carro muito rápido e, sem querer, atropela um gato (figura 4.1). Ele pára para procurar pelo dono do gato e se desculpar. Pára na casa de uma velha senhora (figura 4.2), achando que ela deveria ser a dona do gato. Ele diz: "Madame, eu sinto muito, mas eu acho que matei seu gato". A senhora pergunta: "Bem, como era o gato?" (figura 4.3). [Aqui o contador da anedota simula um gato morto (figura 4.4)]. A velha senhora então diz: "Não, não, meu jovem! Eu quero dizer: como era o gato *antes* de você atropelá-lo?" (figura 4.5). [Novamente o contador da piada não diz nada; apenas gesticula a expressão espantada de um gato que está prestes a ser atropelado por um carro (figura 4.6)].



Figura 4.1



Figura 4.2



Figura 4.3



Figura 4.4



Figura 4.5



Figura 4.6

5. PESCOÇO CURTO⁴

Um americano pergunta a um italiano: “Por que os italianos têm o pescoço curto?” (figura 5.1). [O contador da piada não diz nada, mas simplesmente faz o gesto italiano: “Eu não sei”, erguendo seus ombros e fazendo com que seu pescoço encolha, quase desaparecendo (figura 5.2)].



Figura 5.1



Figura 5.2

Desenhos de Luciano Ponzio
Tradução de Regina Santos

NOTAS

1. Este artigo está publicado em Sebeok, Thomas A. *Global Semiotics*, Bloomington: Indiana University Press, 2001, 115-119. Foi inicialmente publicado em italiano como “Trasmutazioni intersemiotiche: Un genere di barzellette ibride. *La traduzione*” em S. Petrilli (ed.), Bari: Meltemi Editore, 1999, 153-166. Está inspirado, em parte, por um conjunto de fotografias em que Joann Umiker-Sebeok, Erica L. Sebeok e eu modelamos os gestos.
2. John Lotz, na época na Universidade de Estocolmo, me contou esta anedota em julho de 1947, supostamente para elucidar a diferença entre os termos “significante” e “significado”, de Saussure.
3. Jessica A. Sebeok, na época na Faculdade de Brasenose, Universidade de Oxford, me contou e demonstrou esta e as duas anedotas seguintes em novembro de 1998.
4. O professor D. N. Rudall, da Universidade de Chicago, me recontou esta anedota em agosto de 1999.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JAKOBSON, R. (1971) *Selected Writings II: Word and Language*. The Hague: Mouton.
 MILLER, J. H. (1995) "Narrative", en *Critical Terms for Literary Study* de F. Le-
 tricchia e T. McLaughlin (eds.), 66-69. Chicago: University of Chicago Press.
 RICCI BITTI, P. E. (1992) "Facial and Manual Components of Italian Symbolic Ges-
 tures", en *Advances in Nonverbal Communication* de F. Poyatos (ed.), 187-196.
 Amsterdam: Benjamins.

ABSTRACT

My article deals with a new genre of jokes, which I have called "gesture jokes".

GESTO E INICIACIÓN EN LA INTERACCIÓN DIDÁCTICA

TSUYOSHI KIDA

MARTINE FARACO

1. INTRODUCCIÓN: NO VERBAL, INTERACCIÓN Y DIDÁCTICA DE L2

El objetivo general de este artículo es estudiar algunos aspectos no verbales de la interacción didáctica entre el docente y el estudiante de segunda lengua¹ (L2). Más especialmente, nuestra atención se fija en la "secuencia de aprendizaje" en la que los interlocutores dejan momentáneamente el desarrollo de la conversación y negocian un problema de comunicación (a menudo de orden lingüístico), mediante el esfuerzo de focalización de la atención en un objeto de esta negociación. Podríamos suponer que el marco de la interacción (i.e. situación didáctica, estatutos sociológicos y sociales de los interlocutores, asimetría de competencia lingüística, etc.) engendrará características propias. Sin embargo, este tipo de secuencia se observa en la interacción entre nativos (Giacomi 2000; Schegloff 2000), y la negociación del significado es un modo de interacción generalizable a todos los tipos de comunicación (Kida 2001). La secuencia de aprendizaje es una instancia privilegiada de la apropiación lingüística para el estudiante, a causa de su actividad cognitiva en ese momento especialmente, pero al mismo tiempo es un momento delicado ya que implica una amenaza para la relación interpersonal de los interlocutores en la interacción social. Tratar aspectos no verbales permite pues analizar desde más cerca estas dimensiones cognitivas e interaccionales de la negocia-